

## **Extinguir-se de um lado para nascer do outro: discursos (neo)orientalistas na autobiografia de um refugiado sírio**

Daniele dos Santos de Souza  
(Doutoranda em Estudos da Linguagem no  
Programa de Pós-Graduação em Estudos de  
Linguagem da UFMT)  
danielesouza@ufmt.br

**Resumo:** Os conflitos armados na Síria desde 2011 e a crise humanitária de refugiados têm sido o foco do enredo de (auto)biografias de refugiados sírios no mercado editorial internacional. Tais obras produzem sentidos sobre a relação Ocidente e Oriente, além de permitir novos olhares sobre o mundo contemporâneo. Este artigo busca analisar o discurso (neo)orientalista na autobiografia *Eu venho de Aleppo*: Itinerário de um refugiado de autoria de Joude Jassouma e escrita colaborativa de Laurence de Cambronne a fim de apresentar possíveis entendimentos sobre os efeitos produzidos sobre o refugiado sírio e a relação Ocidente e Oriente. De maneira a nortear a análise proposta, o estudo circulará em torno das questões: como o refugiado sírio é apresentado em *Eu venho de Aleppo*? Quais os sentidos produzidos sobre a relação Ocidente e Oriente na referida obra? O estudo do discurso se ampara nas concepções foucaultianas de formação discursiva, enunciado, relações de poder, verdade e poder (FOUCAULT, 2008; 2012), a fim de discutir de que maneira a autobiografia *Eu venho de Aleppo* se insere na malha discursiva neo-orientalista (BASTOS, 2016; BAUMAN, 2017a; 2017b; COSTA, 2016). Os resultados sugerem que *Eu venho de Aleppo* se afilia à formação discursiva (neo)orientalista na medida em que constrói o Ocidente como o espaço da liberdade e da paz e o Oriente como o espaço da guerra e barbárie. Os efeitos de sentido produzidos são diversos, pois, assim como sistemas de pensamento tais quais o (neo)orientalismo reforçam a violência estrutural e marginalizam outros modos de vida, a questão do refúgio pode incentivar a solidariedade voluntária.

**Palavras-chave:** refugiado. Síria. Autobiografia. Neo-orientalismo.

**Abstract:** Armed conflicts in Syria since 2011 and the humanitarian refugee crisis have been the focus of the (auto) biographies of Syrian refugees in the international publishing market. Those (auto) biographies produce meanings about the West and East relationship, as well as allowing new perspectives on the contemporary world. This article seeks to analyze the (neo) Orientalist discourse in the autobiography *Eu venho de Aleppo*: Itinerário de um refugiado by Joude Jassouma and collaborative writing by Laurence de Cambronne in order to present possible understandings about the effects produced on the Syrian refugee and the relationship West and East. In order to guide the proposed analysis, the study will circulate around the questions: how is the Syrian refugee presented in *Eu venho de Aleppo*? What are the meanings produced about the relationship between West and East in that book? The study of discourse is based on Foucault's conceptions of discursive formation, utterance, power relations, truth and power (FOUCAULT, 2008; 2012), in order to discuss how the *Eu venho de Aleppo* fits into the neo-orientalist discursive mesh (BASTOS, 2016; BAUMAN, 2017a; 2017b; COSTA, 2016). The results suggest that *Eu venho de Aleppo* joins the (neo) Orientalist discursive formation in that it builds the West as the space of freedom and peace and the East as the space of war and barbarism. The effects of meaning produced are diverse because, just as systems of thought such as (neo) Orientalism reinforce structural violence and marginalize other ways of life, the issue of refuge can encourage voluntary solidarity.

**Keywords:** refugee. Syria. Autobiography. Neo-orientalism.

### **Introdução**

O fluxo migratório de pessoas oriundas da Síria rumo a outros países, sobretudo na Europa, se intensificou após a insurreição síria em 2011, também referida como Guerra Civil Síria, Revolta Síria ou Revolução Síria, a qual ainda segue em andamento (COSTA, 2016). Tais ondas migratórias têm atingido níveis críticos e, em consequência, fomentam a denominada “crise humanitária de refugiados”, a qual tem se tornado tópico frequente não apenas das produções midiáticas, noticiários e reportagens, como também no enredo de diferentes obras ficcionais e autobiográficas nos últimos cinco anos.

O mercado editorial tem popularizado (auto)biografias e narrativas de vida cujo enredo central é a experiência do refúgio sírio e a guerra no país, dentre as quais se destacam obras como *Eu venho de Aleppo* de Joude Jassouma, *Uma esperança mais forte que o mar* de Melissa Fleming, *Nujeen* de Nujeen Mustafa, *Diários de Raqqa* de Samer, *Querido Mundo* de Bana Alabed, *Mariposa: de refugiada a nadadora olímpica* de Yusra Mardini, *The Battle for Home: The Memoir of a Syrian Architect* de Marwa al-Sabouni, *The home that was our country: a memoir of Syria* de Alia Malek, *No turning back: life, loss and hope in wartime Syria* de Rania Abouzeid, *The boy on the beach* de Tima Kurdi, *The pianist from Syria* de Aeham Ahmad, entre outros.

Tal fenômeno se assemelha à proliferação de autobiografias de mulheres muçulmanas em 2001, inclusive entre as listas de best sellers (BASTOS, 2016). A temática “crise dos refugiados”, evento ainda não esgotado, ganha contornos, justificativas e investidas de escrita da história por meio dessas obras, além de produzirem sentidos sobre a relação Ocidente e Oriente e permitirem novas visões sobre o mundo contemporâneo. A atração por tais narrativas se harmoniza com o interesse do leitor ocidental, visto ser este seu principal público alvo, de compreender esse Outro tão diferente, o exótico, que, antes longe, agora parece estar cada vez mais presente em seu próprio território.

Posto isto, com o intuito de compreender como os sentidos sobre a relação Ocidente e Oriente se constroem discursivamente e de que maneira o refugiado é apresentado nestas autobiografias, analiso neste artigo o discurso (neo)orientalista na autobiografia *Eu venho de Aleppo: Itinerário de um refugiado* de autoria de Joude Jassouma e escrita colaborativa de Laurence de Cambronne. De maneira a nortear a

análise proposta, o estudo circulará em torno das questões: como o refugiado sírio é apresentado em *Eu venho de Aleppo*? Quais os sentidos produzidos sobre a relação Ocidente e Oriente?

A organização do artigo está compreendida nas seções *Orientalismo e neo-orientalismo: distinções e similitudes*, em que apresentamos de forma sucinta as diferenças e semelhanças entre o discurso orientalista (SAID, 2016) e o (neo)orientalista (DABASHI, 2017) de modo a discutir de que maneira a autobiografia *Eu venho de Aleppo* se insere na malha discursiva neo-orientalista e ampliamos com discussões pertinentes ao (neo)orientalismo (ABU-LUGHOD, 2012; BASTOS, 2016; BAUMAN, 2017a; 2017b; COSTA, 2016), a seção *Ocidente paradisíaco e Oriente infernal no relato de Jassouma*, na qual analisamos alguns dos excertos extraídos da obra em questão, e, por fim, a seção de considerações finais.

### **Orientalismo e neo-orientalismo: distinções e similitudes**

Said (2016) fundamenta a concepção do orientalismo a partir de três principais significados que se relacionam e se complementam: o acadêmico, o imaginativo e o discursivo. O sentido acadêmico diz respeito à prevalência de estudos cujo foco é o Oriente e que produzem sobre tal entidade teorias, livros, uma sabedoria que pode ser ensinada e, assim, requer peritos, professores, especialistas nesse conhecimento específico. O sentido imaginativo é considerado mais geral e constitui o orientalismo como um “estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o Oriente e (na maior parte do tempo) o Ocidente” (SAID, 2016, p. 29). No sentido imaginativo, o autor inclui os escritores, poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais que aceitaram e propagaram a ideia de uma oposição básica entre Ocidente e Oriente em suas obras. O terceiro significado é o do discurso, o qual podemos entender, embora o autor não defina dessa forma, que engloba e amarra os demais sentidos, e, sob uma perspectiva foucaultiana, o autor empreende em *Orientalismo* uma análise das formações discursivas que constroem tal estilo de pensamento.

A formação discursiva é definida com base em um conjunto de enunciados submetidos a uma mesma regularidade na qual é possível detectar “uma ordem em seu aparecimento sucessivo, correlações em sua simultaneidade, posições assinaláveis em um espaço comum, funcionamento recíproco, transformações ligadas e hierarquizadas” (FOUCAULT, 2008, p. 42). O discurso orientalista se constrói a partir de enunciados interdependentes e que se relacionam dentro de uma regularidade discursiva, a qual é retomada ao se discutir o Oriente, além de conferir ao orientalismo força, autoridade e o constituir como uma formação sujeita à análise. Para Said (2016), a cultura europeia conduziu e produziu discursivamente o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente, de forma a contrastá-lo ao Ocidente e, dessa forma, viabilizar que a cultura europeia ganhasse identidade e força. Para Said (2016), a oposição binária Ocidente *versus* Oriente é uma construção que se produz mutuamente, isto é, ao representar o Oriente enquanto primitivo, as qualidades de civilizado e moderno do Ocidente são ressaltadas.

Para além da tarefa de questionar o que é ou não verdade sobre o Oriente, Said (2016) atenta para a relevância de analisar as relações de poder entre as duas oposições e entender de que maneira isso condescende para a durabilidade do orientalismo e a força de seus laços com as instituições. Sendo assim, também não busco em Eu venho de Aleppo a verdade irrefutável sobre o refúgio sírio, mas, sim, o “conjunto das coisas verdadeiras” a serem aceitas e os sentidos por ela produzidos. Numa acepção foucaultiana, a “verdade” sobre o Oriente não existe fora de um regime de poder, pois “a verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem. Regime da verdade.” (FOUCAULT, 2012, p. 14).

Foucault (2016) questiona quem é aquele que profere determinado discurso para investigar seu status, sua posicionalidade. No entanto, a identificação ou individualização de quem detém o status qualificador para afirmar verdades não é uma marca determinante. Se, para a análise enunciativa foucaultiana, o texto ou autor individual não são pontos cruciais, para a análise saidiana estes são pontos importantes, visto que Said emprega uma análise de leituras textuais detalhadas “cuja meta é revelar

a dialética entre o texto individual ou o escritor e a complexa formação coletiva para a qual a sua obra contribui” (SAID, 2016, p. 54).

Na (auto)biografia de Joude Jassouma, entendo que a figura do coautor ou escritor colaborador é também suscetível de análise, tanto quanto a figura do refugiado enquanto escritor/narrador de sua própria história. Laurence de Cambonne, co-autora da obra analisada, é uma jornalista francesa que já escrevera antes de *Eu venho de Alepo* uma biografia de Madame de Stael. A jornalista conheceu Joude Jassouma em um dos postos de acolhimento de refugiados e é ela quem sugere a Jassouma que ele conte sua história de vida. O refugiado é a autoridade legítima que detém o conhecimento, a vivência e poder para narrar a própria história, visto que o ato de narrar a própria vida lhe traz valor não ficcional e a dota de verdade. Por outro lado, percebo que tal escrita só adquire possibilidade de circular no Ocidente por estar acompanhada do aval, da escrita oficial, de um coautor ocidental. Nas autobiografias, Lejeune (2014) também entende que a presença do co-autor não pode ser ignorada, visto que a escrita colaborativa não escapa do jogo de poder inerente às estruturas hierárquicas.

Percebo que obras como *Eu venho de Alepo* são escritas para o deleite do leitor ocidental, que as utiliza como fonte de conhecimento sobre a Guerra na Síria e para consumo<sup>1</sup> da dor alheia e, sendo assim, a associação do Islã às barbáries da guerra, representada pela narração do testemunho ocular dos refugiados que viram corpos mutilados ou ouviram o estrondo das bombas, retoma o discurso (neo)orientalista do terror indissociável ao Islã. Tal discurso que imprime medo no Ocidente não é novo e também é precedido pelo discurso orientalista que justifica esse temor, o qual é justificado historicamente por Said (2016).

As contribuições de Edward Said, contudo, não são suficientes para o estudo de questões mais contemporâneas, pois, conforme o entendimento de Dabashi (2017, p. 39, tradução nossa), estamos em um momento purgatorial:

---

<sup>1</sup> Embora soe pesado, o consumo da dor alheia movimenta a indústria cultural em diferentes esferas, seja na produção de livros que exploram toda sorte de sofrimento humano, seja nas produções cinematográficas que monopolizam determinados temas, como as guerras e a escravidão. Consumir a dor alheia pode ser, inclusive, uma estratégia para desenvolver a empatia e a solidariedade.

Que tempo é este quando proclamamos aquele momento de “pós”? Quando superamos e ainda não estamos totalmente determinados. É um estado purgatorial – quando um estado está em fase de extinção e o próximo ainda não foi inaugurado, nem anunciado. [...] o conhecimento é produzido dentro de uma episteme que está sujeita à formação histórica e, portanto, à eventual exaustão, e o modo de pensar e de produção do conhecimento que chamamos de “Orientalismo” agora está esgotado, cumpriu sua função histórica e se rendeu às forças da história<sup>2</sup>.

Dabashi (2017) argumenta que o pós-orientalismo é um momento de intercadência em que as antigas ideias parecem não ter a mesma força, pois cumpriram sua função histórica, e, ao mesmo tempo, o posterior ainda não está consolidado, não foi inaugurado ou anunciado. Para o autor, os eventos que ocorreram entre o Onze de Setembro até às revoluções Árabes de 2010 estancaram o momento de uma mudança epistêmica que permitiu novas narrativas, possibilidades temáticas e teóricas sobre a relação Ocidente e Oriente. Ao explicar o uso de “pós” em sua caracterização do período transacional, o autor entende que o pós-orientalismo “(...) marca uma tal ‘cisão messiânica’, uma mônada revolucionária em si mesma como um ponto em uma topografia global em mudança<sup>3</sup>” (DABASHI, 2017, p. 93, tradução nossa).

Para Dabashi (2017), pós-orientalismo diz respeito ao momento purgatorial, uma fase em que um estado está em extinção e outro ainda não foi inaugurado. Por sua vez, (neo)orientalista tem sido o termo empregado para categorizar produções literárias emergentes deste “momento purgatorial” como *Eu venho de Aleppo*, ou as autobiografias de mulheres muçulmanas (BASTOS, 2016; SOUZA, 2018). Ainda que a terminologia (neo)orientalista, devido ao prefixo neo, pareça a suplantação do discurso anterior, como se o atual fosse um novo estilo de pensamento, entendo que as fissuras com as narrativas anteriores nem sempre anunciam rupturas definitivas, já que, como aponta

---

<sup>2</sup> Original: “What time is it when we declare that moment of “post”? When we have overcome and yet we are not quite destined. It is a purgatorial state – when a state is phasing out and the next has not quite phased in, or even announced itself. (...) knowledge is produced within an episteme that is subject to historical formation and thus eventual exhaustion, and the mode of thinking and knowledge production we call “Orientalism” is now passed, exhausted, has done its historic function and yielded to the forces of history.”

<sup>3</sup> Original: “(...) marks one such “messianic cession,” a revolutionary monad in and of itself as a dot on a changing global topography that I have termed “liberation geography.”

Foucault (2016), os acontecimentos discursivos estão abertos à repetição, à transformação, à reativação e estão relacionados àqueles que os precedem

Para além das Revoluções Árabes, a guerra da Síria e a fuga de sírios rumo à Europa, ao meu ver, apontam a superação não apenas do estigma de que o Oriente seria o reagente passivo e apático (SAID, 2016), como também aproximam cada vez mais “os outros” de “nós” (SOUZA, 2018). Tal aproximação das alteridades Ocidente e Oriente (re) produz efeitos de sentido acerca da relação entre as entidades aqui analisadas. Reproduz no sentido de que, novamente, a única saída para a salvação parece ser o Ocidente; e também produz fissuras nas verdades que pretendem a solidez do Estado-Nação, por exemplo, ou que entendem as identidades culturais como fixas.

A desconfiança que a presença estrangeira provoca é atemporal, porém ganha intensidade quando essa imigração é numerosa em proporções que ameaçam a estabilidade e é querelante da busca por refúgio e de direitos. Os imigrantes sírios que têm evadido de seu país em busca de refúgio ao longo desse início de século refletem a fragilidade de entidades que se pretendem resistentes, como o ideal de Estado Nação. A “crise humanitária de refugiados” provoca o desnudamento da vulnerabilidade social a que todos estão sujeitos – refugiados e nacionais. De certa maneira, a presença do refugiado oriental cada vez mais presente em seu território impulsiona o ocidental a repensar sua suposta estabilidade, a qual se mostra vulnerável.

### **Ocidente paradisíaco e Oriente infernal no relato de Jassouma**

Narrar a própria vida não parece ter sido a única intenção de Joude Jassouma em *Eu venho de Aleppo*, mas, também, consolidar-se como um dos primeiros testemunhos oculares de uma das maiores guerras da contemporaneidade, além da “crise de refugiados”. A figura de Joude Jassouma é apresentada ao leitor nos elementos paratextuais da (auto)biografia, visto que estampa a capa do livro.



Figura 1 - Capa do livro impresso *Eu venho de Aleppo*

Nas palavras de Genette (2009, p. 10), enquanto elemento paratextual, a capa é aquilo que “oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder”. Em *Eu venho de Aleppo*, o rosto de Joude Jassouma ilustra a capa do livro e oferece ao leitor (ou possível adquirente da obra) algumas informações sobre Jassouma: ele é um homem, jovem, de tez clara cujo olhar não encara o leitor, seu semblante é calmo, sem muitas demonstrações de excitação, ainda assim é uma imagem que personaliza o refugiado sírio. O título do livro confirma que *Eu venho de Aleppo* é uma (auto)biografia direcionada ao leitor ocidental, pois ele vem de “lá” do Oriente e veio para “cá”, o Ocidente.

No relato de Jassouma, é possível verificar que a Síria é construída, discursivamente, como espaço de hostilidade e desumanidade. Há relatos sobre como, onde, as pessoas que participaram ou iniciaram os primeiros conflitos que desencadearam a guerra. Joude Jassouma também narra o cotidiano de sua família, o qual é descrito insuportável e infernal, visto que, em dado momento, após terem as residências bombardeadas, os familiares e Jassouma são obrigados a morarem em uma casa de três cômodos. A exposição da rotina de Jassouma e seus familiares, dos problemas próprios da convivência demonstra o quanto a guerra afetara as relações mais



íntimas. A narrativa de sua intimidade parece transportar o leitor para uma experiência de empatia pelos refugiados, ao mesmo passo que se assemelha ao de pessoas em situação econômica de pobreza nas grandes cidades.

Em um dos trechos presentes logo no início da (auto)biografia, Joude narra que visualizara pedaços de corpos pelas ruas:

**Excerto 1**

Passo o dia inteiro pensando naquilo. Como chegamos a esse ponto? Que grau de barbárie atingimos? Não se enterram mais os corpos aqui em Ariha? A primeira marca da civilização não é impedir que os animais devorem os restos humanos?

Quem era aquele jovem? Quais eram os seus sonhos?  
(JASSOUMA, 2017, p. 10)

O excerto 1 expressa a indignação de Joude Jassouma após ter enterrado uma mão que ele encontrara no chão ao retornar para casa e, posteriormente, ter visualizado um cachorro balançar e arrastar uma cabeça humana pelas ruas de Aleppo. A pergunta “a primeira marca da civilização não é impedir que os animais devorem os restos humanos?” demonstra a consternação de Jassouma com a situação, além de colocar em questionamento o que considera civilização. As interrogações retóricas de Jassouma (2017) exprimem sua crítica social aos efeitos da guerra na Síria, além de enfatizarem a ideia de que a vida humana já perdeu seu valor naquele território.

A definição da Síria como o local não civilizado, em que há pedaços de corpos e cadáveres nas ruas, possibilita que o Oriente seja caracterizado como uma alteridade extrema, pois, ao mencionar que enterrar cadáveres é uma das marcas da civilização, ou ao ressaltar que não há mais preocupação com a vida humana, há a mobilização da oposição civilização *versus* barbárie, além da mobilização de elementos que levam ao questionamento da civilização no Oriente. Em uma lógica saidiana, a apresentação de uma Síria incivilizada, bárbara, legítima como civilizado aquilo que não é a Síria, ou seja, o Ocidente e seus espaços em que os mortos não são abandonados à deriva.

Neste sentido, ao retratar a Síria como um espaço em que não há valorização da vida humana, a imagem oposta de um Ocidente em que a dignidade humana é respeitada se materializa. É interessante ressaltar, porém, que há eventos no Ocidente

que igualmente instigariam Jassouma (2017) a questionar “como chegamos a esse ponto? Que grau de barbárie atingimos?”.

No que pese a autobiografia se constituir um gênero de escrita sobre a própria existência (LEJEUNE, 2014), o relato de Jassouma apresenta possíveis leituras sobre os acontecimentos históricos imbricados na questão síria. O sentido didático, inerente à escrita orientalista na medida em que é um de seus pressupostos tornar o Oriente apreensível ao leitor ocidental (SAID, 2016; DABASHI, 2017), é presente em *Eu venho de Aleppo*. O relato não se restringe a narrar a sua vivência individual enquanto um refugiado, mas se expande em seu propósito ao descrever o cenário geográfico, histórico, social, cultural e político em que a narrativa se insere.

Joude Jassouma narra não somente seu cotidiano na guerra, como também a sua fuga para a Europa, e traça um itinerário: ele passa por 119 *checkpoints* na Síria, cruza a Turquia, passando por diversas cidades do país, até se estabelecer em Istambul, onde fica por 2 meses até conseguir recursos financeiros para a viagem de sua esposa. Após tal período e diante da situação de vulnerabilidade social e econômica, Joude e sua esposa Aya decidem ir para a Europa. Esta é retratada como o espaço da paz, da liberdade, da prosperidade em oposição às dificuldades socioeconômicas vivenciadas na Síria e nos espaços de trânsito provisório. A família, composta por Joude Jassouma, Aya e a filha de 8 meses, atravessou o mar Egeu da forma mais popular entre as fugas de sírios em direção à Europa: um bote inflável. Durante a difícil travessia, visualizam outro bote se afundando e, ao chegarem ao solo grego, iniciam os relatos da vida ocidental sonhada pela família.

**Excerto 2**

O mar começava a nos esquentar, o mar tinha reflexos azul celeste. Estava bonito, calmo, já não nos provocava medo.

[...]

Esse dia 5 de março de 2016 ficará para sempre gravado na minha memória como o primeiro dia da minha nova vida. Um lindo dia de sol em que uma nova palavra passou a fazer parte do meu vocabulário, a palavra “paz”. (JASSOUMA, 2017, p. 92-95)

Ver o mar a partir do solo europeu, e não mais sobre o mesmo mar dentro de um bote inflável, permite a sua resignificação: a partir do solo oriental o mar representava o medo e a insegurança de quem não tinha a certeza de que concluiria a

travessia; dentro do bote, o mar provocava ao mesmo tempo o medo da morte e a esperança da vida na Europa; no entanto, vê-lo a partir do solo ocidental, já na segurança proporcionada pelo mesmo, era enxergar a calma e beleza. A paz, a tranquilidade e a nova vida, conforme depreendo do relato de Jassouma, só encontram espaço para se concretizarem na Europa, o que se confirma com o trecho em que ele diz que naquele dia seu vocabulário ganhou uma palavra até então desconhecida. A busca por tais emoções e sensações também motiva outros milhares a fugirem de seu território rumo à Europa. Os fluxos migratórios daqueles que buscam refúgio após o início da guerra em seus territórios evidenciam um fenômeno que não é recente e que ainda não caminha para seu término (BAUMAN, 2017a).

Joude Jassouma e sua família são encaminhados para a França, onde recebem moradia e condições de subsistência.

**Excerto 3**

Gostaria de ser um membro ativo da sociedade francesa. Gostaria de restituir à França um pouco de tudo aquilo que ela me deu. Ainda não sei como, mas hei de encontrar uma maneira.

Minha nova vida começa aqui. Não quero mais olhar para trás.

(...)

Daqui para frente, meu sonho é me integrar à França, me adaptar a sua cultura. Quero viver à francesa. Viver como os franceses.

Nos meus sonhos mais loucos, chego a me imaginar reitor de uma universidade francesa! Mas se tivesse apenas um desejo a formular, seria o de que um dia, na França, ninguém mais me considere como um “refugiado”. (JASSOUMA, 2017, p. 133)

O excerto 3 encerra a (auto)biografia de Joude Jassouma e parece ratificar o entendimento de que no Ocidente é possível ter uma nova vida. É este, portanto, um território ao qual ele é grato e espera fundir-se, inclusive, com a identidade cultural desse espaço. Querer tornar-se um membro ativo na França pode reafirmar o papel do refugiado como aquele que sempre estará em débito com o país que o acolheu. A afirmação de que a nova vida começa aqui e que não quer olhar para trás também produz efeitos de sentido sobre a relação Ocidente e Oriente. De um lado, há um Oriente, que representa a hostilidade, a guerra, a opressão, a miséria, outros atributos negativos; de outro, um Ocidente, que reflete os ideais de paz, liberdade, prosperidade, a democracia. Ambos os sentidos vertem para a dicotomia que sustenta o discurso

(neo)orientalista em sua dimensão espacial (lá e cá) e temporal (a tradição antiga e a modernidade).

Tal enunciado também denota o posicionamento da identidade europeia como superior às demais, ou ainda da liberdade ocidental como liberdade condicionada, visto que, ao dizer que quer “Viver à francesa” e “viver como os franceses”, não há abertura para que se viva à síria no solo francês. Se as (auto)biografias são formas de tornar memoráveis existências singulares, elas são também produções e ações no mundo, pois é pela e na linguagem, nos e pelos discursos, que também podemos construir sentidos sobre o mundo social.

### **Considerações finais**

Os resultados sugerem que *Eu venho de Aleppo* se afilia à formação discursiva (neo)orientalista, visto que a (auto)biografia de Jode Jassouma constrói o Ocidente como o espaço da liberdade e da paz enquanto o Oriente é construído como o espaço da guerra e da barbárie. Apesar de *Eu venho de Aleppo* ser comercializado como a primeira narração da “maior crise migratória desde a Segunda Guerra Mundial”, conforme consta na orelha do livro, a experiência de Joude Jassouma não pode ser entendida como uma história única que visa explicar a guerra na Síria e os consequentes deslocamentos de grandes grupos de sírios rumo à Europa, ao contrário, é mais um dos tantos entendimentos possíveis sobre o referido evento. Os efeitos de sentido produzidos são diversos, pois, ao mesmo tempo em que sistemas de pensamento como o (neo)orientalismo reforçam a violência estrutural e marginaliza outros modos de vida, a questão do refúgio pode incentivar a solidariedade voluntária nas sociedades de destino.

### **Referências**

BASTOS, Laisa Marra de Paula Cunha. *Fetice neo-orientalista: o problema da autorrepresentação do subalterno e as autobiografias de mulheres muçulmanas*. Goiânia: Editora UFG, 2016.

BAUMAN, Z. *Estranhos à nossa porta*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2017a.

\_\_\_\_\_. *Retrotopia*. Tradução Renato Aguiar. 1ª ed. Versão Kindle. Rio de Janeiro: Zahar, 2017b.

BAUMAN, Zygmunt; MAURO, Ezio. *Babel*. Tradução Renato Aguiar. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

CHOMSKY, N. A nova guerra contra o terror. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 16, n. 44, p. 5-33, Abr. 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142002000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142002000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 24 fev. 2019.

COSTA, R. P. *Uma história da Síria do século XXI para além do sectarismo religioso*. 136 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Árabes) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <[doi:10.11606/D.8.2016.tde-24082016-153949](https://doi.org/10.11606/D.8.2016.tde-24082016-153949)>. Acesso em: 09 mar. 2019.

DESLAURIERS, J. P., KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean, et al. *A pesquisa qualitativa – enfoques epistemológicos e metodológicos*. Tradução de Ana Cristina Nasser. 3. ed. Petrópolis(RJ): Vozes, 2012, p. 127-153

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Nietz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DABASHI, H. *Post-orientalism: knowledge and power in a time of terror*. Kindle Edition. New York: Routledge, 2017.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M.; MACHADO, R. (Org.). *Microfísica do poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

JASSOUMA, J. *Eu venho de Alepo: itinerário de um refugiado*. Colaboração de Laurence de Cambronne. Tradução Fernando Scheibe. 1ª ed. São Paulo: Vestígio, 2017.

LEJEUNE, P.; NORONHA, J. M. G. (org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

MOITA LOPES, L. P. Uma lingüística aplicada mestiça e ideológica: Interrogando o campo como lingüista aplicado. In: *Por uma Lingüística Aplicada indisciplinar*. (org.) MOITA LOPES, Luiz Paulo da. São Paulo: Parábola, 2006.

SAID, E. W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. 6a. reimp. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. *Fora de lugar: memórias*. Tradução José Geraldo Couto. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_. *Cultura e Imperialismo*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SAYAD, A. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. Tradução Cristina Murachco. São Paulo, Edusp, 1998.

SOUZA, Daniele S. *Eu venho de Aleppo: O discurso (neo) orientalista na (auto)biografia de um refugiado sírio*. 92 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagem). Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2018. Disponível em <[https://www.ufmt.br/ppgel/index.php?option=com\\_content&view=article&id=93&Itemid=304&lang=pt-br](https://www.ufmt.br/ppgel/index.php?option=com_content&view=article&id=93&Itemid=304&lang=pt-br)>. Acesso em: 14 mar. 2019.